
Dia Nacional da Visibilidade Trans no Brasil: corpos, sentidos e afetos nas notícias de Folha de S. Paulo e O Globo¹

Tatiana CLÉBICAR²

Kátia LERNER³

Guilherme Silva de ALMEIDA⁴

Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, RJ

Universidade Federal do Rio de Janeiro, RJ

RESUMO

Desde que um grupo de travestis visitou o Congresso Nacional para lançar a campanha “Travesti e respeito”, desenvolvida pelo Ministério da Saúde com a participação de movimentos sociais, o dia 29 de janeiro vem sendo comemorado como Dia Nacional da Visibilidade Trans. A partir da compreensão de que os jornais são instâncias refratoras dos debates públicos, este trabalho descreve e analisa as notícias publicadas pelos jornais Folha de S. Paulo e O Globo sobre a data entre os anos de 2004, quando a ação foi lançada, e 2020. Observa-se que o tema obteve progressivo incremento de espaço e valor nas páginas de ambos os veículos, com deslocamentos de sentidos. A noção ampliada de saúde presente na cobertura da campanha inaugural tornou-se menos nítida em comparação com as notícias da década seguinte em que predominaram as vinculações com o campo das artes e da cultura. A abordagem dos jornais se afastou da ideia de coletividade, centrando-se em percepções individuais sobre a experiência da transgeneridade. Representações imagéticas de corpos inteligíveis, apresentadas nos anos mais recentes, apontam para formas preferencialmente binárias de tratar gênero.

PALAVRAS-CHAVE: gênero; transgênero; visibilidade trans; notícias; jornalismo.

Introdução

No dia 29 de janeiro de 2004, um grupo de travestis visitou o Congresso Nacional para lançar a campanha “Travesti e respeito”⁵, desenvolvida pelo Ministério da Saúde (MS) no âmbito do então Programa Nacional de DST/Aids com a participação das interessadas. A campanha visava a sensibilizar parlamentares e sociedade civil para os

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação, Divulgação Científica, Saúde e Meio Ambiente, XXI Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 44º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Informação e Comunicação em Saúde da Fiocruz, bolsista da Capes, e-mail: tatiana.clebicar@gmail.com.

³ Doutora em Sociologia e Antropologia (UFRJ), pesquisadora do Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde da Fiocruz, email: katia.lerner@icict.fiocruz.br.

⁴ Doutor em Saúde Coletiva (Uerj), professor adjunto da Escola de Serviço Social da UFRJ.

⁵ O mote da campanha era “Travesti e respeito: já está na hora de os dois serem vistos juntos. Em casa. Na boate. Na escola. No trabalho. Na vida” e aponta para uma concepção de saúde em seu sentido ampliado (ALMEIDA FILHO, 2011). Integravam a ação peças gráficas destinadas ao público em geral e a grupos específicos: profissionais da saúde e da educação, travestis que atuassem como profissionais do sexo e sua clientela.

direitos e as demandas da população que, na década seguinte, seria reconhecida por trans, englobando, além das pioneiras do movimento, outras dissidências de gênero que, em comum, não se reconhecem pela designação sexual que receberam ao nascer e que se identificam como transexuais ou transgêneros/as/es. Para entender a categoria de pessoas trans, é importante ressaltar que não se trata de confundir histórias individuais com manifestações psicológicas autônomas. O que está em articulação aqui são “processos sociais e culturais amplos que informam as características dos indivíduos e são simultaneamente transformados por eles” (ALMEIDA, 2012, p. 514).

A iniciativa das travestis marcou a instituição do Dia Nacional da Visibilidade Trans no Brasil, comemorado anualmente por entidades governamentais e não-governamentais ligadas à pauta. Essas ações nascidas da aliança entre atores do campo da saúde e dos movimentos sociais são um pilar da construção da visibilidade trans no país. Mas não é o único. Desde o século XX, uma compreensão mais acurada dos regimes de visibilidade de um dado grupo social passa pela investigação da produção jornalística sobre ele. A relevância do jornalismo como instância refratora dos debates públicos aponta para a pertinência de levá-lo em conta quando se pretende entender o cenário discursivo que constitui determinadas experiências sociais e subjetivas. Para Pierre Bourdieu, tal qual ocorre na política e nas ciências sociais, o jornalismo é um “*local* de lutas internas para a aplicação do princípio dominante de visão e de divisão” (BOURDIEU, 2005, p. 36, grifo nosso), isto é, de produção discursiva.

A relevância do jornalismo na sociedade midiaticizada como construtor – mais até do que refrator – da realidade também é sublinhada por Patrick Champagne. Dedicando-se ao estudo da produção jornalística, ele observou que, para esses profissionais, lançar luz sobre um fato significa lhe conferir o status de real. Segundo o autor, “os mal-estares sociais não têm uma existência visível senão quando se fala deles na mídia, isto é, quando são reconhecidos pelos tais jornalistas” (CHAMPAGNE, 2012, p. 63)⁶. As questões de gênero de forma ampliada e a transgeneridade especificamente se conformam como mal-estares da atualidade, capazes de se entrelaçar com as disputas políticas em vários países, incluindo o Brasil (CARRARA, 2019).

⁶ Certamente, os fenômenos sociais têm uma existência independente da mídia, mas interessa aqui discutir eventos compartilhados de forma ampliada na esfera pública. Cabe sublinhar ainda que naquele momento as redes sociais ainda não tinham a relevância que têm na atualidade.

Assim, com interesse na construção da visibilidade trans, pauta gestada no campo da saúde e transcendente a ele, investigamos neste trabalho a produção jornalística sobre o tema, tomando como objeto empírico as notícias publicadas sobre o dia 29 de janeiro em Folha de S.Paulo e O Globo, os dois jornais de circulação nacional que se revezam na liderança de audiência nos últimos anos (PODER 360, 2020). O objetivo é descrever e analisar como os sujeitos e seus corpos foram mostrados a fim de compreender os sentidos e afetos associados. O levantamento dos textos foi feito nos acervos digitais das duas publicações⁷ a partir do descritor “visibilidade trans” e levou em conta os dias antecedentes e subsequentes à efeméride. Textos que contivessem o descritor fora desse período de interesse não foram incluídos.

Para captar a construção dos sentidos durante um período de tempo extenso – 2004 a 2020 –, realizamos uma análise textual e imagética dos materiais. Tomando as proposições teóricas de Foucault (2014, 1999) e Bakhtin (2011), entende-se que as palavras não produzem sentidos sozinhas e fazem parte de um encadeamento discursivo. Além disso, os enunciados são acompanhados de narrativas visuais que não poderiam ser desconsideradas. Buscamos, então, sistematizar o material identificando as regularidades discursivas presentes nos textos e nas imagens. Foram observadas as formas de nomear as experiências; as palavras que traduzem as demandas e os afetos; as pessoas que protagonizam os enunciados ora como sujeitos, ora como objetos; os espaços e os corpos mostrados; os contextos históricos e produtivos; as estratégias e os argumentos narrativos. Também buscamos pontuar o que distingue as construções discursivas dos dois jornais, na tentativa de captar as formas concorrentes de construir e *ver a visibilidade trans*.

O lançamento da campanha

As edições de 30 de janeiro de 2004 da Folha de S.Paulo e O Globo (Imagem 1) registraram o lançamento da campanha que viria a estabelecer o Dia Nacional da Visibilidade Trans, naquele momento ainda relacionada apenas à identidade travesti. A Folha deu destaque para o tema, noticiado num box no alto de página, a partir do então deputado Fernando Gabeira. Afirmam o título e o subtítulo: “Gabeira defende eleição de travesti para o Congresso” e “Durante ato na Câmara, deputado fala das dificuldades de representar minoria” (FOLHA, 2021). A foto de Bruno Stuckert, da Folha Imagem, é a

⁷ Todas as citações ao material empírico estão referenciadas para uma dessas duas fontes.

principal da página e retrata Gabeira diante de um banner que mostra uma das travestis fotografadas para a campanha. Em tamanho ampliado, é possível ver com mais nitidez que seu braço musculoso está enfeitado com pulseira e bracelete. Ela usa um top toma-que-caia com brilho e saia vermelha, projetando o corpo para frente. No lead, o jornal cita uma frase do deputado que compara as dificuldades na defesa de travestis àquelas enfrentadas por ele próprio “como representante dos usuários de maconha”, aproximando sujeitos políticos por meio de uma identificação dissidente. A seguir, reproduz uma sugestão do parlamentar, classificada no texto como “inusitada”, para financiar cirurgias relativas ao processo transexualizador: “*Os travestis brasileiros* que batalham lá fora [no exterior] poderiam doar U\$ 1 para ajudar *um travesti brasileiro a virar mulher.*” (grifos nossos). Após essas declarações, o texto, sem assinatura, menciona a “primeira campanha de prevenção a Aids e doenças sexualmente transmissíveis voltada para travestis”, realizada pelo MS ao qual é atribuída uma declaração que contextualiza a iniciativa: “a campanha é centrada no reforço a atitudes de respeito e inclusão social desse segmento da população, que se torna muito vulnerável ao vírus da Aids pelo preconceito e violência”. Parte da então vice-presidente da Articulação Nacional de Transgêneros (Antra), Marcela Prado, uma fala que explicita a demanda coletiva: “O mercado de trabalho é escasso, e não temos espaço. Eu queria trabalhar numa multinacional, mas a única opção de 90% dos transgêneros é o mercado sexual, a prostituição.” A matéria é concluída com uma informação que relembra a criação da Frente Parlamentar pela Livre Expressão Sexual, que pretendia aprovar “15 projetos sobre direitos homossexuais” e retoma outra declaração de impacto de Gabeira, expressando a fusão dos conceitos de orientação sexual e identidade de gênero, característica daquele momento: “Que as pessoas façam sexo como quiserem. Se surgir o movimento pelo papai-e-mamãe, vamos apoiar também.”.

Diferentemente da Folha, O Globo publicou a notícia num breve texto-legenda abaixo da linha de dobra, localização menos nobre da página de jornal. Sob o título “Campanha: Travestis na Câmara”, o texto publicado na editoria O País menciona que cerca de 20 travestis estiveram no Congresso para o lançamento de uma ação nacional de prevenção – sem precisar a quê – e reproduz parte do slogan apresentado pelo grupo: “Travesti e respeito, já é hora dos dois serem vistos juntos” (O GLOBO, 2021). A foto, em preto e branco, é creditada a Gustavo Miranda, da equipe do jornal, e mostra uma travesti numa

das salas das comissões internas da Câmara, com parte da faixa gráfica criada para a data visível ao fundo. Ela veste uma blusa franjada de mangas longas e se abana com um leque. O enquadramento de perfil não mostra seu rosto tampouco seu nome é mencionado na legenda. A única pessoa citada no curto texto é Gabeira, que, de acordo com o jornal, reivindicava a eleição de um parlamentar homossexual ou travesti a fim de garantir a defesa dos interesses “da minoria”.

Apesar do considerável destaque dado à ação, as opções editoriais da Folha sinalizam para uma exotização da pauta e do próprio corpo travesti, compreendidos mais pela sua relação com a orientação sexual homossexual e menos por uma ideia de identidade de gênero feminina. Além da flexão de gênero da palavra travesti no masculino, questão já problematizada pelo grupo, mas considerada secundária naquele momento em que se reivindicava inserção no espaço público, a matéria foi publicada na mesma página em que foi veiculado um anúncio protagonizado pela modelo e atriz Ana Paula Arósio, considerada ícone de beleza feminina no país, permitindo uma espécie de comparação entre as imagens das duas figuras presentes na página – um ideal de mulher bela, branca, “princesa” e uma “versão inautêntica”, negra, cuja sexualidade é exacerbada e apresentada de forma ambígua. Já o acanhado espaço dedicado pelo Globo indica um valor comparativamente menor dado naquela edição ao tema. Contudo, a reprodução do slogan no domingo seguinte na seção “Frases da semana” sugere que o tópico mobilizou a atenção de outros estratos do veículo. Nos anos seguintes, o jornal carioca se mostrou mais atento ao tema do que o paulista.

Imagem 1 – Comparação das notícias publicadas na Folha de S.Paulo e O Globo (30.01.2004)



A efeméride se consolida

Quando a campanha foi lançada, não figurou como data especial do calendário do MS. Isso decorreu da proposta do movimento social de celebrar o aniversário da iniciativa como forma de atualizar a pauta e demarcar um dia para o tema no Brasil⁸. A memória da visita ao Congresso era anualmente revisitada pelas ativistas até ser formalmente incorporada ao calendário da pasta com o lançamento de uma segunda campanha em 2010. Antes disso, porém, em 30 janeiro de 2008, a data voltou a receber atenção de O Globo num texto-legenda. Desta vez, na coluna de Ancelmo Gois (Imagem 2), um grupo de travestis posa com o então ministro da Saúde, José Gomes Temporão, e a diretora do Programa de DST, Mariângela Simão, únicas pessoas identificadas na legenda. Apesar de localizada na editoria Rio, a seção aborda temas que extrapolam a localização geográfica e se pauta pela exclusividade das informações. O título – “Olha o passarinho” – usa de duplo sentido ao reproduzir uma frase comumente dita no momento de registros fotográficos e uma forma popular infantil de se referir a pênis. O texto diz que o ministro “deu exemplo e recebeu oito *deles* em seu gabinete” e “até posou para foto” (O GLOBO, 2021, grifos nossos). O jornal se refere à data como Dia da Visibilidade *dos* Travestis enquanto outros materiais da época, produzidos pelo movimento social, tratam como Dia da Visibilidade Travesti. Cabe sublinhar a flexão de gênero no masculino e o contraste com os corpos femininos ao redor do ministro, além do uso da preposição “até”, sugerindo condescendência. Apesar do tom jocoso e do reiterado uso de desinência masculina para identificar o grupo⁹, a última frase faz menção ao contexto político da época e registra a visão do colunista sobre a demanda: “Como diria Lula, ‘nunca antes da história deste país’, um ministro da Saúde deu atenção às *justas reivindicações* dos travestis a ponto de recebê-los em seu gabinete. *Muito legal*” (O GLOBO, 2021, grifos nossos).

Imagem 2 – Reprodução da coluna Ancelmo Gois/O Globo (30.01.2008)



⁸ Internacionalmente, o Dia da Visibilidade Trans é celebrado em 31 de maio desde 2009.

⁹ Dicionário Houaiss de 2007 registra que o substantivo é comum de dois gêneros.

A partir do contato com os materiais desenvolvidos para as campanhas, é possível identificar na foto Keila Simpson e Thatiane Araújo, atualmente presidentes das duas principais entidades representativas de pessoas trans: Antra e Rede Trans respectivamente. Ambas se posicionam bem próximas ao ministro. A foto permite, ainda, ver sobre a mesa um cartaz que não se pode identificar. Considerando o lugar de pouco destaque no enquadramento, talvez seja um material desenvolvido e levado pelas próprias visitantes para apreciação do ministro. É razoável imaginar que, se fosse uma produção própria, o ministério teria dado mais destaque à peça. Outro elemento que merece atenção é o fato de a foto estar creditada como “Foto do leitor”. Esse recurso nos autoriza supor que uma fonte do jornalista ou alguém do próprio grupo tenha feito o registro e enviado para a coluna. Significa que o registro não foi pautado pela assessoria de imprensa do ministério nem pelo próprio jornal.

Até este momento, a ideia de estigma (GOFFMAN, 1981), como uma identidade deteriorada a ser reconstruída, está presente e se traduz de forma direta na recorrência da palavra respeito, que só pode ser reivindicado pelo fato de o grupo das travestis não gozar dele naquele contexto. Ela também se expressa na ambiguidade com que esses corpos foram colocados à mostra. Como vimos, as imagens predominantes em 2004 aludiam a esses sujeitos por meio de corpos visibilizados por sua suposta inautenticidade em comparação com um ideal de feminino. Na nota de 2008, isso se reflete na construção textual que acompanha a imagem: corpos femininos são interpelados no masculino e a referência ao falo pela via do humor é acionada. A ambiguidade percebida no conteúdo e na forma nos leva a pensar nas condições de comunicabilidade dessa pauta e no recurso àquele tipo de humor como estratégia cabível naquele contexto. É preciso indagar se e como essa reivindicação se desloca nos anos subsequentes.

O ano de 2011 marca um ponto de inflexão a esse respeito. A partir dessa data, o Dia Nacional da Visibilidade Trans¹⁰ passa a ser noticiado como tal e se afasta de uma ideia de estranhamento pela dissidência e pela graça, mantendo ainda uma aura de exotismo mas por outras razões. No Globo, a celebração da data ocorreu em duas oportunidades. A primeira antecipa a data numa foto-legenda publicada no dia 25 de janeiro na coluna Negócios & Cia, assinada por Flávia Oliveira, na editoria de Economia. Com o título “Igualdade”, a coluna registra a adesão do governo do Rio de Janeiro à data. A nota

¹⁰ Essa forma de nomeação se antecipa ao MS, que só adotará esse registro na campanha de 2013.

informa que a iniciativa é do programa Rio Sem Homofobia e vai tratar as principais demandas de travestis e transexuais. O texto do cartaz da campanha estadual que ilustra a nota propõe mudança de conceito e opinião sobre transexuais e travestis e a palavra respeito também está presente. A menção à Target, agência publicitária responsável pelo desenvolvimento da ação, é o que justifica sua publicação na coluna dedicada à cobertura do mundo empresarial.

No próprio dia 29, a capa do caderno Ela, suplemento feminino semanal com pautas dedicadas a moda, beleza, comportamento, gastronomia e arquitetura, faz um editorial inspirado pela data (Imagem 3). Com o título “2 em 1”, informa no subtítulo que o “universo da moda mira seus holofotes em transexuais e tipos andróginos” (O GLOBO, 2021). O texto, assinado por Bety Orsini, indaga as razões do interesse por “modelos que estão no limite entre o feminino e o masculino”. Ele faz referência ao Dia da Visibilidade e informa que a modelo transexual Lea T. desfilaria naquele sábado para o estilista Alexandre Herchcovitch, mencionando ainda como outro “tipo andrógino” o sérvio-australiano Andrej Pejic, que hoje se identifica como Andreja e se apresenta como atriz em seu perfil no Instagram. A jornalista recorre à sexóloga Marta C. Freitas para obter a resposta ao “modismo”, transcrevendo a fala da entrevistada: “O universo da moda é moda. E amanhã a moda muda”. Quem posa para o editorial, em looks feminino e masculino, é a modelo Isabella Melo, da agência Ford, que não tem qualquer vinculação com as questões trans.

A matéria continua na página 4, ocupada integralmente, e recebe o título “Jogo de aparências” e o subtítulo “Transexuais são os novos ‘darlings’ da moda”. As fotos principais que ilustram são outras produções feitas pela equipe do jornal com a mesma modelo, em cujas legendas as marcas e os preços das peças usadas são indicados. Outras imagens são incluídas no alto da página: reprodução de uma capa de revista em que Lea T. beija a modelo norte-americana Kate Moss na boca e fotos de Pejic em desfile francês de alta-costura. A sexóloga é a única pessoa trans entrevistada e reconta sucintamente seu processo de transição e sua experiência no atendimento de “pessoas com transtorno de identidade de gênero”, forma de nomeação vigente à época. Lea T. “fala” por meio de seu agente, Anderson Baumgartner, que informa a intenção da modelo de passar por uma “operação de mudança de sexo” ainda naquele ano. As outras fontes ouvidas são a filósofa Viviane Mosé, que aponta de forma crítica a relação de consumo com os corpos trans

semelhante ao que ocorreu com mulheres, negros e homossexuais; o produtor Rogério S., que relembra a apropriação da oposição masculino x feminino por Coco Chanel; o pesquisador de moda Marco Sabino, que vê uma pseudo abertura na visibilização dos corpos trans já que apenas alguns, privilegiados como o de Lea T., se destacam; e o psiquiatra e psicanalista Carlos Alberto Alves de Paiva, que faz uma análise de sua experiência com transexuais para quem forneceu laudos pré-operatórios. O depoimento do médico não se constrói na noção de identidade e, sim, na de erotismo, da qual “o transexualismo” seria “mais uma opção simbólica esculpida radicalmente no corpo”.

Imagem 3 – Páginas do caderno Ela/O Globo (29.01.2011)



Em 2012, a data volta a ser mencionada na coluna de Ancelmo Gois, que noticia a campanha de carnaval do MS protagonizada pela travesti Adriana K, sem mencionar seu nome. Ele reproduz parte do texto do cartaz no título: “Isso rola muito”. É possível afirmar que a informação foi considerada relevante por dois fatores. Ela ocupa a segunda posição na seção e se desdobra numa terceira nota, intitulada “Segue...”. Apesar de o texto ainda se referir a “um” travesti, ao mencionar o Dia da Visibilidade, a preposição não se soma a artigo algum (“de Travestis”). O jornal informa que a cidade colonial vista no cartaz é Ouro Preto, em Minas. Na segunda nota, faz uma ponderação relevante. Diz que o MS optou por restringir a versão da campanha a materiais impressos e não veiculá-la na TV ou rádio¹¹ porque o público-alvo seria restrito. O colunista conclui: “É. Pode ser.” (O Globo, 2021).

¹¹ A veiculação das campanhas em mídias audiovisuais era uma demanda das entidades trans, segundo relato de Tathiane Araújo em entrevista para a pesquisa.

Mais de uma década depois do lançamento da primeira campanha, o Dia da Visibilidade volta a ser noticiado na Folha numa notinha da coluna Mônica Bergamo. O mote é a inauguração da mostra “O T da questão” no Museu da Diversidade. A seção Curto-circuito é um subespaço para registros pontuais e curtos menos valorizado dentro da coluna, mas de grande visibilidade e importância em relação ao jornal como um todo. Quanto mais alta a posição na diagramação, maior a relevância. Considerada um espaço de prestígio nacional, a coluna de Mônica Bergamo passa a lembrar a data com regularidade.

Em 2018, com o título “Direitos iguais”, a colunista noticiou que a Secretaria Municipal de Direitos Humanos de São Paulo firmaria, no Dia da Visibilidade Trans, um convênio com a Ordem dos Advogados do estado para atender juridicamente a população LGBT. No dia propriamente, ela registrou debate a partir do espetáculo “L, o musical”, no Centro Cultural Banco do Brasil.

No ano seguinte, a Folha publicou no suplemento cultural Ilustrada uma matéria de quase meia página sobre a banda As Bahias e a Cozinha Mineira. O texto de Rafael Gregório dimensionava a contratação do grupo musical no contexto político brasileiro:

É janeiro de 2019. Jair Bolsonaro, que preferia ter um filho morto a homossexual, assume a Presidência. Ao mesmo tempo, em suas primeiras prospecções no ano, a Universal, a maior gravadora do mundo e líder no mercado nacional, contrata uma banda brasileira liderada por duas cantoras transexuais. (FOLHA, 2021)

A matéria discorre sobre a qualidade musical do grupo, incluindo premiações, e traz o depoimento da vocalista Raquel Virgínia, que reivindicava ocupar qualquer espaço na vida artística (“O que eu espero é cantar na abertura da novela e isso ser visto com naturalidade.”) e cotidiana (“Meu sonho é poder circular tranquilamente, porque muitas vezes é muito difícil ir e vir pelo simples fato de ser trans.”). O repórter acrescenta que uma das músicas, lançada com um videoclipe, denunciava a violência vivida pelas pessoas trans, incluída na matéria a partir de informações da organização internacional Transgender Europe. No clipe, quem vive a vítima é a atriz Renata Carvalho, lembrada no texto como alvo de censura por ter interpretado Cristo na peça “Jesus, rainha do céu” em anos anteriores. A matéria, que menciona ainda cantora Liniker, cita a outra vocalista da banda, Assucena Assucena, e termina voltando ao ponto de partida:

Uma mulher trans ser protagonista nesse momento em que premissas LGBTs são retiradas das diretrizes sobre direitos humanos é uma

denúncia de que nos assassinam quando nos matam, mas também quando nos tiram empregos (...) Só que a gente vai continuar gritando. E esse megafone foi a gente que construiu; portanto, é nosso. (FOLHA, 2021)

Em 2020, os dois jornais voltam a convergir no destaque à data (Imagem 4). Antecipando a comemoração, O Globo de 27 de janeiro de 2020 trouxe na capa do Segundo Caderno, suplemento cultural diário, o título “Todos os gêneros”, fazendo remissão tanto ao conceito identitário quando às modalidades do campo da literatura, mencionada no antetítulo. O subtítulo descreve a pauta: “Livros de autores trans ganham espaço no mercado editorial e ajudam a derrubar estereótipos e mostrar uma outra realidade para além da opressão e do preconceito”. Ilustra a página uma arte sobre foto feita por Léo Martins. A legenda informa: “Novos espaços. A escritora Amara Moira na Bienal do Livro de 2019: a autora foi destaque da primeira mesa sobre literatura trans da história do evento”. A imagem sobrepõe a bandeira trans em transparência sobre a foto em P&B de Amara vestida e coroada como miss, numa imagem muito mais próxima daquela da “princesa”. Seu vestido é feito de saco de lixo, sua faixa traz o código XXX, em alusão à codificação genética feminina exacerbada¹², e a indicação 18+, símbolo de classificação etária em obras de arte. O lead da matéria demarca o espaço decorrido entre a publicação de “Eu Ruddy”, considerado o primeiro livro assinado por uma pessoa trans no Brasil, de “Cartas para Pepita”, o então mais recente título, de autoria da cantora de funk Mulher Pepita. O texto se baseia na pesquisa feita por Amara Moira, “doutora em Letras pela Unicamp”, sobre as produções editoriais trans nesse intervalo de quatro décadas, e aborda o crescimento expressivo de publicações de autores trans, que haviam obtido pela primeira vez espaço específico na Bienal do Livro. Danieli Cristóvão Balbi, “pesquisadora”, e Kika Sena, “mestranda em artes cênicas na Universidade de Brasília”, são outras autoras entrevistadas cujas credenciais acadêmicas são tão destacadas quanto suas identidades de mulheres trans. Uma das falas desta última, poeta, é destacada na página: “Não preciso falar sobre opressão. Nosso corpo também recebe afeto e amor” (O GLOBO, 2021), num claro exemplo do deslocamento de sentido em comparação com as primeiras matérias sobre o tema.

Além delas, outras pessoas são apontadas no texto corrido e no box “Para ficar de olho”: Luisa Marilac, Tarso Brant e Tom Lê Grito. Doutoranda na Universidade de

¹² A trissomia X é uma condição genética designada popularmente como síndrome da superfêmea.

Brasília, Leocádia Aparecida Chaves é ouvida como fonte especializada em narrativas trans autobiográficas e aponta o medo da transfobia como um elemento recorrente nessas produções. Diferentemente do que ocorre com as outras citadas direta ou indiretamente, sua identidade de gênero de mulher cis não é mencionada, ficando implícita.

A Folha também se antecipa. No Guia Folha do dia 24, o Dia da Visibilidade foi gancho para um destaque no suplemento de programação cultural que circula localmente às sextas-feiras. Na seção Shows e Concertos, a revista indica uma apresentação das cantoras Raquel Virgínia, Assussena Assussena e Liniker juntamente com o lançamento do documentário “O ferver”. Além disso, sugere o show gratuito da “cantora e compositora trans” Rosa Luz. Nos dois casos, fotos das artistas são incluídas. Tais imagens, nas quais se privilegiam componentes étnicos e geracionais, afastam-se daquela de 2004 de conotação sexual acentuada e ambiguidade. As fotos mostram mulheres lidas socialmente como tal, sem qualquer índice imagético que as relacione com a questão trans, explicitada no texto.

No caderno principal, Mônica Bergamo se referiu à data seguidamente. No próprio dia 29, ela anunciou a apresentação do espetáculo “Divinas divas” no Theatro Municipal, e no dia 30, registrou o encontro factual aleatório da ativista russa Masha Alyokhina, do coletivo Pussy Riot, com o vereador Eduardo Suplicy, que participava de eventos relacionados à data no Largo do Arouche. A coincidência, transformada em espetáculo pelo político paulista que se atrapalhou ao vestir a bataclava característica do grupo, divertiu “travestis, prostitutas, moradores em situação de rua e profissionais que organizam o evento” (FOLHA, 2021).

Imagem 4 – Páginas da Folha (24.01.2020) e O Globo (27.01.2020)



Os sentidos em permanência e deslocamento

Se foi no campo da Saúde que o Dia Nacional da Visibilidade Trans foi gestado, é no da Cultura que ele ganha espaço e valor, constatado pelo lugar privilegiado das capas de suplementos e das colunas. Entre 2004 e 2020, as formas de abordar o tema bem como de nomear e mostrar os corpos, suas demandas e afetações são deslocadas, embora uma questão permaneça sempre presente: a ideia de violência relacionada à transfobia, termo usado mais recentemente para designar um fenômeno para o qual o movimento social e o próprio MS chamavam atenção já em 2004 e que, como mencionamos, é englobado como questão de saúde em seu sentido mais amplo.

Outro aspecto contemplado na primeira campanha e acionado com menor ênfase ao longo dos anos, mas com recorrência é a ideia de empregabilidade. Além do programa do governo fluminense noticiado na editoria de Economia do Globo, a ideia de trabalho está presente, ainda que de forma subjacente, nos textos sobre moda e cultura. Em última instância, as(os) artistas estão ali divulgando as atividades pelas quais são remuneradas(os).

Entre as impermanências, observamos a progressiva adoção de desinências de gênero compatíveis com as identidades de gênero das pessoas trans citadas na construção textual. Isso tem especial valor para o grupo das travestis que reivindicava seu tratamento no feminino. A vinculação com a saúde num sentido mais estrito e com o próprio MS também se dispersou. A ideia de direitos, que estava presente desde o início, tornou-se mais intensa, acionada por termos como igualdade. A forma como os corpos trans são mostrados é outra alteração perceptível. A ambiguidade presente na foto da Folha e o acanhamento da imagem selecionada pelo Globo, em 2004, deram lugar a imagens ampliadas de corpos em performances artísticas nas quais a identidade de gênero foi explicitada e passou por uma certa higienização, apontando para um privilégio das formas binárias de encarar gênero. De forma inversa, porém, a ambiguidade foi acionada (e encenada) na pauta do caderno de moda que optou por uma modelo cis para o editorial andrógino. Não só a forma como são mostrados interessa, mas também em que espaços da geografia do jornal esses corpos aparecem são relevantes. A passagem da pauta dos cadernos de política, onde foi inicialmente publicada, para os de cultura é sintomática dos lugares editoriais nos quais a visibilidade trans pode ser *vista*.

Por fim, algo que perdeu muita força no período analisado é a ideia de uma coletividade capaz de se organizar para pautar suas demandas. Embora a imagem do grupo não tenha sido publicada nos jornais no lançamento de 2004, as referências a ele estavam presentes nos textos. A única travesti citada na matéria da Folha falava em nome da Antra. Posteriormente, a nota da coluna de Ancelmo Gois trazia representantes do movimento junto ao ministro da Saúde, sem nomeá-las individualmente. Isso se inverte nos anos seguintes, quando a proeminência artística ou acadêmica supera o coletivo. As fontes passam a ser identificadas nominalmente e ainda que tenham uma atuação no seio do movimento social as credenciais atribuídas pelos jornais são aquelas que as distinguem individualmente como artistas ou acadêmicas.

Considerações finais

A instauração do Dia Nacional da Visibilidade Trans contribuiu para lançar luz sobre as demandas de um grupo historicamente desprivilegiado na sociedade brasileira, indicando que as campanhas estatais são espaços de interseção com as notícias. Neste trabalho, procuramos compreender como as lógicas jornalísticas mediaram a construção de sentidos sociais a partir das propostas gestadas pelo MS em parceria com os movimentos sociais.

Ao analisar os jornais Folha de S. Paulo e O Globo, observamos um progressivo crescimento no espaço e no valor cedidos ao tema com permanências e descontinuidades. Por um lado, a noção ampliada de saúde presente desde 2004 ficou esmaecida em comparação com as notícias da década seguinte em que predominaram as vinculações com o campo das artes e da cultura. Por outro, a abordagem dos jornais se afastou da ideia de coletividade, centrando-se em percepções individuais sobre a experiência da transgeneridade. As representações imagéticas de corpos inteligíveis em comparação com as imagens mais ambíguas usadas nos anos 2000 apontam para formas binárias de tratar gênero nos jornais.

A análise dos sentidos presentes nos jornais nos leva a reiterá-los como espaços privilegiados, embora não exclusivos, para compreender fenômenos sociais de forma diacrônica. Essa investigação sobre as formas de visibilidade trans aponta para questões que podem ser pensadas em zonas de contato com outras instâncias sociais.

Referências

- ALMEIDA, Guilherme. 'Homens trans': novos matizes na aquarela das masculinidades? **Rev. Estud. Fem.**, Florianópolis, v. 20, n. 2, p. 513-523, ago. 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2012000200012&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 30 jun. 2021.
- ALMEIDA FILHO, N. **O que é saúde?** Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2011.
- BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.
- BOURDIEU, Pierre. The political field, the social science field, and the journalistic field. BENSON, R; NEVEU, E. (eds.) **Bourdieu and the journalistic field**. Cambridge: Polity Press, 2005.
- CARRARA, Sérgio. O movimento LGBTI no Brasil, reflexões prospectivas. **Revista Eletrônica de Comunicação, Informação e Inovação em Saúde**, v. 13, n. 3, 2019.
- CHAMPAGNE, P. A visão mediática. BOURDIEU, P. (coord.) **A miséria do mundo**. Petrópolis: Vozes, 2012.
- FOLHA DE S.PAULO. Acervo Folha, 2021. Disponível em: <https://acervo.folha.com.br>. Acesso em 30 jul 2021.
- FOUCAULT, Michel. **O nascimento da clínica**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014.
- FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. São Paulo: Loyola, 1999.
- GOFFMAN, E. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Rio de Janeiro: LTC, 1981.
- O GLOBO. Acervo O Globo, 2021. Disponível em: <https://acervo.oglobo.globo.com/>. Acesso em 30 jul 2021.
- PODER 360. A evolução na circulação de jornais impressos e digitais no Brasil, 2020. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/midia/a-evolucao-na-circulacao-de-jornais-impressos-e-digitais-no-brasil/>. Acesso em: 30 jul 2021.